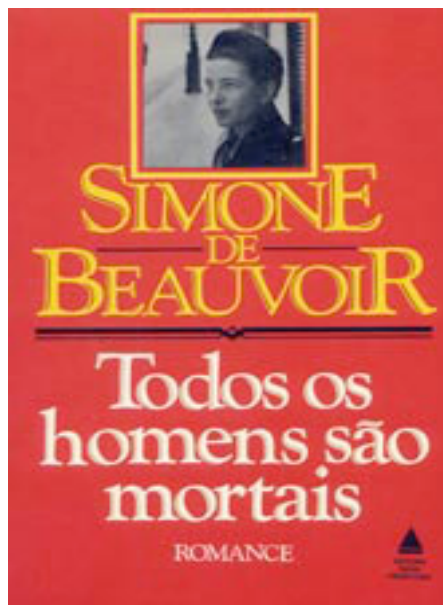


A Ilusão da Imortalidade em *Todos os homens são mortais* Simone de Beauvoir



Tomás Medeiros Novazzi
Luciana Helena Mussi (monitora)
Ruth Gelehrter da Costa Lopes (docente)

Introdução

Ao ler o livro *Todos os homens são mortais* (1960) de Simone de Beauvoir, algo me chamou muita atenção: o mesmo distanciamento que o personagem principal, Conde Fosca, tinha com sua vida eu via em meu avô. Ele dizia: “como era bom antigamente!”

O velho nunca se referia ao que acontecia agora, como se “agora que está velho”, não tivesse mais a possibilidade de continuar vivendo e desfrutando das coisas, sejam elas boas ou más.

Quando penso no livro e seu protagonista, me vem a pergunta: Essa sensação do passado ser sempre melhor que o presente ocorre apenas na velhice? Será que essa espécie de constatação faz um indivíduo não pertencente à vida, ou seja, a nada?

Meu avô, com 90 anos, está cronologicamente na reta final da sua longa vida. Comparando Fosca com esse homem que muito viveu, me chama atenção em ambos a sede da imortalidade, o desejo de uma vida infinita e, claro, o mesmo

saudosismo que nos remete a um passado sempre glorioso e melhor do que tudo que se apresenta.

Esse trabalho tem o objetivo de refletir sobre essas questões fazendo uma análise pela perspectiva de “Ser e Tempo” de HEIDEGGER (2009).

Desenvolvimento

Todos os homens são mortais (Beauvoir, 1960) conta a história do personagem Conde Fosca, um homem que acreditava que seu tempo, como um ser finito, não era suficiente, ele desejava mais...

Ao se deparar com a possibilidade de viver para sempre, frente à destruição de seu reino, Carmona, o homem decide beber o elixir da imortalidade. Para alguém com desejo insano de vida, nada parece mais atraente do que conseguir um tempo infinito para cumprir tudo o que se quer ao longo de muitas existências futuras.

Inicialmente, através da angústia da perda de poder, Fosca começa a ver o mundo a partir de uma perspectiva de um ser imortal.

Enquanto mortal ele se preocupava que, mesmo se seu reino fosse salvo, após sua morte, nada teria valido a pena, já que ele não estaria mais lá para ver e desfrutar das benesses e glória de “tudo poder”, apesar da advertência de Catarina (sua esposa enquanto ser mortal): “Quando Cristo quis punir o judeu que zombou dele, condenou-o a viver eternamente.” (BEAUVOIR, 1960: p.93)

Vemos que ele estava ciente que esse aparente alívio de todos os problemas não era exatamente uma salvação.

Um dia, angustiado com seu fim, que bem poderia estar próximo, Fosca decide tomar o elixir da imortalidade, mas um monge estrangeiro o alerta, referindo-se ao povo de sua cidade:

Perderam o cuidado da salvação eterna; tu só pensas em dispensar-lhes os bens da terra e esses bens são unicamente vaidade. Salvaste-os da fome, mas o homem não vive só de pão. Acreditas ter realizado grandes coisas, e o que fizeste não é nada. (BEAUVOIR, 1960, p. 103)

Tais palavras seriam, na verdade, o resumo da vida de Fosca pelo resto de sua existência. Agora como imortal, se tornando um tirano em seu reino, estava obcecado em atingir seus objetivos, não se ocupando mais das necessidades do povo. Fosca tinha uma ideia fixa: seus domínios e realizações na terra:

O passado desligara-se de mim; nada mais me prendia: nem lembrança, nem amor, nem dever, estava sem lei, era meu dono e senhor, podia dispor à vontade das

pobres vidas humanas, todas voltadas à morte. Sob o céu sem expressão, eu me erguia vivo e livre, só para todo o sempre. (BEAUVOIR, 1960, p. 109)

O homem acreditava ter encontrado a salvação. Agora que ele estava livre para fazer tudo, ele se percebia num nível mais elevado, acima de todos os outros mortais. Ninguém poderia vencê-lo, ele tinha a garantia de ter todos seus desejos de imortalidade satisfeitos.

Após conquistar vários reinos, conseguir a vitória que tanto buscava, percebeu que as coisas não saíram como planejava. Seu reino foi atacado pela peste - a natureza não permitiu que sua sublime vitória se tornasse possível. Chega a dizer: “Para que servirá a guerra?” (1960: 135), e, frustrado, desabafa: “A glória de Carmona pesa pouco ao lado da salvação da Itália” (1960, p.136). Após tantos anos guerreando, Fosca se depara com uma dura realidade, o fato de não alcançar nada com sua infinitude. Sobre seu filho, ele diz: “Para ele, Carmona estava à altura de seu coração mortal, ele a amava” (BEAUVOIR 1960, p. 136).

Seu amor por Carmona nunca mais foi o mesmo, agora que sua existência não tinha mais fim. Ainda falando de Antônio, ao assistir sua morte e padecendo de uma tristeza cortante, Fosca chora: “Morria glorioso, satisfeito; como se a vitória tivesse sido uma verdadeira vitória, como se a palavra vitória tivesse um sentido” (BEAUVOIR, 1960, p. 138).

Fosca perdeu a capacidade de sentir o mesmo que sentia em vida. Ele percebe que para tudo na vida, o preço é alto e traz consequências.

Segundo concepção de Heidegger (2009):

‘Dasein’ significa ‘está aí’, significa que o homem é o único aberto para fora de si, significa ao mesmo tempo ser temporal. O homem não é, ele está sendo, ele se faz na sua temporalidade, é um ser no mundo com os outros, ser para a morte, o nosso limite da humanidade que é também uma constituição da nossa humanidade. Porque, novamente, o homem é ser no tempo e está sempre se fazendo. (Heidegger citado por Mussi, 2012)

O fim é o que possibilita nossa humanidade

Ao se tornar imortal, Fosca não mais “está aí”, não lhe é possível uma existência, pois sem a angústia de se ter um fim, suas escolhas não tem valor, tudo o que será realizado não importará. Ao encontrar a imortalidade, Fosca abriu mão de sua angústia, suas escolhas não tinham mais o mesmo peso, se tornava distante das próprias realizações. Como mortal várias coisas lhe faziam sentido – a glória de Carmona – mas sendo imortal, nada mais importava.

Após vagar no mundo com indiferença, acaba conhecendo Pierre Carlier, que passa a ser o sentido de sua vida. Finalmente encontrou alguém que o vê como igual, apesar de sua estranha maldição: “Ele falava-me como se fosse meu semelhante; por isso que ele me é caro” (BEAUVOIR, 1960, p. 220).

Na realidade, Carlier passa pelo mesmo processo de Fosca: ao não conseguir o que buscava em sua vida, invejava a imortalidade do amigo, queria poder viver mais para conseguir terminar o que queria. Porém, isso não traria nada de bom a Carlier, o que ele via como a única benção possível na verdade seria sua maior maldição, mas só Fosca poderia saber disso.

É interessante traçar um paralelo com os dias de hoje. Estamos obcecados em permanecermos jovens, temos medo de envelhecer. Qual seria a razão? Bem, talvez porque a velhice nos indique que estamos perto do fim, um término que significa morte.

Estamos tão preocupados em nos mostrar e mostrar aos outros que ainda teremos tempo pela frente, que podemos fazer o que queremos e que nada nos angustia, que acabamos por esquecer, simplesmente, parar, “realizar” que não teremos todo o tempo do mundo e começar a viver, a usar o tempo que nos resta da maneira que realmente queremos.

Isso foi possível para Antônio, filho de Fosca: viveu como queria, diferentemente de seu pai, que desejava ardentemente estar vivo para ver a glória de Carmona. Morrendo, Antônio não poderia mais ver a cidade amada, mas foi seu sentimento de amor e bravura que o tornou um homem digno e honrado com um fim que só homens assim podem ter. Apesar de ambos amarem a cidade, o sentimento de Antônio não dependia de ele estar vivo para testemunhar a sua glória.

Tanto para Carlier quanto para Fosca, a imortalidade, na verdade, era uma forma de fugir da angústia do fim, ao invés de enfrentar a dura e crua realidade da morte. Os amigos tentam resolver suas questões existenciais com a imortalidade, não percebendo que é exatamente pelo peso de nossas difíceis escolhas que a vida ganha sentido. Fosca, deixando de escolher, deixou de viver.

Carlier acaba se suicidando, não aguentando mais viver uma vida onde sua maior conquista foi apagada: descobrir a passagem para a China. Não conseguindo enfrentar a frustração de buscar novos sentidos para sua existência, ele desiste, assim como Fosca, mas ao invés do elixir da imortalidade, ele opta pelo suicídio. Infelizmente para Fosca, nem essa opção ele tinha.

Fosca acaba conhecendo Marianne, numa época onde seu único sentido na vida era arruinar e trazer suicídio aos outros, talvez como uma maneira de achar outra pessoa que também se perdesse, assim como ele. Mas com a jovem, ele encontra novamente uma espécie de sentimento. Fundam uma universidade juntos, se apaixonam e se relacionam por um tempo, mas o

otimismo de Marianne começou a chocar com a apatia de Fosca em relação a vida.

Surgiu a sensação de que em breve a morte de Marianne iria acontecer, “fins” esses que ele bem conheceu com suas duas outras esposas. Fosca sentia algo, se importava com Marianne, mas o medo de que ela pudesse “terminar” o consumia. Começou a travestir-se de velho, a fim de acompanhar sua amada, até o momento em que Marianne soube da imortalidade desse estranho homem.

Fosca passa a sofrer, pois não consegue viver como um homem. Ele se sente um impostor por não pertencer a nada e a ninguém. Marianne acaba morrendo triste, por crer que seu marido não iria se lembrar dela. Ela seria apenas mais uma mulher na infinitude de uma vaga lembrança de Fosca.

Toda a história de Fosca é contada a partir de sua conversa com Régine, outra personagem que, de certa forma, também busca a imortalidade. Ela tinha desistido de seu marido para viver com Fosca, e assim, pelo menos, permanecer eternamente em suas memórias, mas ao ouvir toda a história da vida dele, se angustia profundamente, sente a sensação que sua existência será apenas passageira, como o é para a visão de Fosca: “ela permanecia tal qual ele a fizera: uma folha de erva, um mosquito, uma formiga, um pouco de espuma”.

Considerações finais

Todos nós carregamos essa busca de sentido e, às vezes, escolhemos como caminho negar a vida. Podemos achar que a vida não vale a pena e tentar o suicídio – nosso último ato – como Carlier fez, mas acreditamos que, se enfrentarmos nossos problemas, não aceitando o “presente da imortalidade” ou a fuga da realidade, poderemos, quem sabe, experimentar a vida como ela é, com suas tristezas e alegrias.

Talvez assim nos sentíssemos vivos, no tempo “devido e justo” que nos resta.

Cabe-nos refletir: quais os benefícios da imortalidade? A possibilidade de fazer tudo o que se quer em infinitas existências? “Todos os homens são mortais” nos faz pensar que fugir da finitude da vida distancia os indivíduos da realidade. Aceitar que um dia morreremos nos faz lutar e acreditar em nossas escolhas, abraçando a possibilidade do fim. Assim, quem sabe, a mortalidade parecerá mais uma benção do que uma maldição.

Curiosamente e estranhamente, após o término da leitura do livro, fui conversar com meu avô. Ele dizia “como gostava de seu trabalho”, e que ainda surgiriam oportunidades dele apresentar suas obras da juventude. Concluímos, portanto, que a desistência da vida não é um aspecto apenas da velhice, mas de toda a vida humana e cabe a nós entender que é justamente a possibilidade do “fim” que torna a vida tão atraente e desejante.

Referências

BEAUVOIR, S. *Todos os Homens são Mortais*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MUSSI, L.H. *Reflexão sobre a angústia existencial do cinema de Ingmar Bergman no envelhecer diante da ameaça iminente de morte e do desejo de vida*. Dissertação de mestrado, PUC/SP. São Paulo, Brasil, 2012.

Data de recebimento: 18/7/2014; Data de aceite: 13/8/2014.

Tomás Medeiros Novazzi - Aluno do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP, 5º semestre. Email: tomasnovazzi@hotmail.com

Luciana Helena Mussi – Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutoranda em Psicologia Social, também pela PUCSP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe). Email: lucianahelena@terra.com.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - Supervisora Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduated em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. Email: ruthgclopes@pucsp.br